

Conferência do Prof David Harvey, no IFCS/UFRJ, em 14/03/2012.

*Transcrição livre de Jorge Borges**

Video: <http://www.ppgsa.ifcs.ufrj.br/evento/fotos-e-video-com-david-harvey/>

Obrigado pela oportunidade de conversar com vocês.

O Enigma do Capital surgiu a partir de um convite para escrever um livro que explicasse o que estava acontecendo em 2007/2008, baseado no meu acúmulo sobre a teoria marxista. Mas eu precisava fazer isso de um jeito que isso pudesse ser entendido.

Esse é um desafio considerável, por uma série de razões. Há vários trabalhos sobre o que Marx tem a dizer. A maioria deles faz com que ele pareça mais complicado do que realmente é. O que eu tinha que fazer era simplificar o máximo que eu pudesse sem, eu espero, destruir o essencial. Penso que isso me trouxe um excelente exercício. Pois ao organizar meus pensamentos sobre o que Marx tem a dizer, eu achei necessário evitar as recorrentes ressalvas e obtusidades da literatura marxista.

Eu tive, por exemplo, que desenvolver uma abordagem bastante simples sobre o que Marx disse sobre a produção da crise no capitalismo. E fazendo isso, eu me vi partindo dessas explicações unívocas sobre a crise se é uma crise do lucro, ou do sobre-lucro, ou uma queda do consumo, ou outra coisa. E diria que, na verdade, existem vários caminhos por onde o capitalismo se vê bloqueado.

Essa ideia de bloqueios e barreiras para a acumulação contínua do capital me fez questionar onde estariam os principais bloqueios da atualidade e onde eles estavam nos anos 1970. E o que me atormentou foi verificar um princípio muito simples que estava em ação, que é o princípio onde o capital nunca resolve suas tendências à crise precisamente porque ele não pode resolver suas contradições. E porque ele não consegue resolver suas tendências à crise, ele essencialmente sobrevive movendo a crise em ciclos.

Para quem tiver familiaridade com os escritos de Engels, particularmente nos assuntos urbanos, vai reconhecer de onde a ideia vem. Pois quando Engels escreveu um longo ensaio sobre a questão habitacional, ele comentou que a burguesia só tinha um jeito de resolver a questão habitacional. Ela a “girava”. Isso resolve o problema. Sim, apenas faz com que as favelas reapareçam em algum outro lugar.

* Geógrafo, Assessor Técnico. Twitter: @jorgeborgesrj . Email: jlborgesrj@gmail.com

Eu sempre usei esse princípio nos meus trabalhos sobre moradia e achei bastante efetivo.

Eu sempre me lembro de uma conversa com políticos e banqueiros locais, em Baltimore, e um dos convidados era o vice-presidente do Chase Manhattan para o mercado imobiliário em Nova York. Muitos da platéia me conheciam e suspeitavam da minha visão política. Quando eu entrei no ponto de que a questão habitacional em Baltimore era simplesmente a questão cíclica, as pessoas ficaram bravas e responderam que isso “era o que se podia esperar de alguém como você”. Para minha surpresa eu fui defendido exatamente pelo vice-presidente do Chase Manhattan. Ele disse: “esse é o grande problema que temos em Nova York! No nosso banco temos uma especial atenção, uma especial atenção em diminuir a pobreza urbana. Vamos para um bairro e damos financiamento” e outras coisas, ele disse. “Mas quando acaba o projeto, as pessoas não estão mais morando lá, o problema se ‘moveu’”. Depois, ele disse “essa é uma ideia muito interessante de onde você tirou isso?”. Eu disse que tirei isso do Engels e ele perguntou: “e em qual universidade ele trabalha?”. Eu tive que dizer que era o Friedrich e ele disse: “Oh!”. Fim da conversa.

Mas esse princípio da ciclicidade da crise também se aplica à questão da poluição. Você tem poluição no ar, então você se livra dela jogando tudo no mar. Você tem poluição na terra, então você se livra disso jogando tudo no ar. Então o capitalismo não resolve seus problemas de poluição. Ele só muda de lugar. Então, esse princípio do movimento cíclico se aplica às crises em geral. E ele move a crise em um duplo sentido:

Primeiro, ele pode mover a crise de um setor para o outro. Você poderá achar a crise na indústria, ela será resolvida movendo a crise para o sistema financeiro. Você verá a crise do sistema financeiro sendo resolvida movendo-a para o Estado. Você verá as crises dos Estados sendo resolvidas, como se vê na Grécia, transferindo a crise para as condições de sobrevivência das pessoas.

As pessoas se revoltam e então a crise se move novamente para algum outro lugar. A história do capitalismo é a história das mudanças cíclicas das crises de um setor para o outro. Historicamente se verifica que um determinado setor é hegemônico e todo o resto está com problemas.

Mas elas também se movem em outro sentido. Elas se movem geograficamente. A geografia da crise é bastante significativa. Ela começa num lugar e se move para outro.

Vejamos o que ocorreu nos últimos cinco anos e veremos essas duas facetas do movimento cíclico em ação. Primeiro, a crise apareceu atrelada ao mundo do consumo. Existe o consumo de moradia, que de alguma forma não está sendo acompanhado pela produção de moradia, e assim se vê uma incrível pressão sobre os preços nos mercados imobiliários de algumas partes do mundo.

E como resultado disso nós vemos um acúmulo de atividade especulativa nos mercados de moradia. E as pessoas começam a aumentar o seu consumo refinanciando suas casas. Para dar-lhes uma ideia, o número de hipotecas em 2005, nos EUA, era o triplo de 1999, mas 2/3 dessas hipotecas era refinanciamento. E quando você refinancia, o que normalmente acontece é capitalizar a valorização da sua propriedade. Se o financiamento original foi de trezentos mil dólares, a propriedade vale agora seiscentos mil dólares, então porque não refinanciá-la e pegar cem mil dólares que podem ser usados em qualquer coisa?

E todos saíram usando. Alguns viveram dias felizes. Compraram carro novo, compraram iate. Algumas pessoas usaram porque precisaram. Porque o custo da educação, das universidades, o custo da saúde subiu. E muitas pessoas se desesperaram por uma fonte fresca de recursos com taxas que andavam estagnadas. As taxas andavam estagnadas desde os anos 1970. Em outras palavras, esse consumo através da moradia se tornou um meio das pessoas obterem renda para maquiagem o fato de que eles não estavam extraindo renda da sua força de trabalho.

Então foi ali onde a crise começou porque no mercado de moradia, a bolha estourou, mas o processo que estamos vendo aqui vem ocorrendo há muitos anos. Ele começou na gestão Clinton, em 1995. Quando Clinton apresentou esse programa, que na verdade era um programa para subsidiar o mercado imobiliário, mas que foi apresentado como um programa para prover às classes mais baixas acesso à renda da terra. Houve algumas pessoas que acreditaram que era disso que o programa se tratava. Entre 1995 e 1998 houve uma primeira leva de refinanciamentos para pessoas que não tinham acesso ao crédito. E quando as pessoas não conseguem pagar a hipoteca, elas perdem suas casas. E então houve uma séria onda de execuções nos anos 1990.

Agora eu vou dar alguns detalhes, porque esse detalhes são importantes para entender como a crise se move de um setor para outro. Em algum momento, o sistema financeiro achou ali uma grande fonte de lucratividade. Ele começou a operar no refinanciamento imobiliário da seguinte forma: o banco, a instituição financeira emprestava para os empreiteiros construírem casas. Essa mesma instituição financiava os consumidores na compra das casas. Logo o sistema financeiro controlou a

oferta e a demanda por moradias. E se os produtores estiverem com problemas o sistema financeiro ajuda as pessoas a comprar suas casas nas mãos desses produtores.

Encontramos aqui o que chamaremos o esquema da pirâmide, eu compro a casa, o preço sobe, todo mundo acha que imóveis são um bom investimento. Então, todo mundo compra casas, e porque todos compram, os preços sobem. E as instituições financeiras apóiam porque eles ganham muito dinheiro com as taxas embutidas nesses financiamentos. Então, esses nexos são muito importantes mas isso só valia para os lugares no mundo onde isso estava acontecendo.

Isso estava muito concentrado no sudoeste dos EUA e na Flórida. Isso não estava acontecendo tanto em Minnesota. Isso não estava acontecendo tanto em outras partes dos EUA. Era altamente concentrado: Arizona, Nebraska, sul da Califórnia. E o boom era incrível. Os preços estavam disparando. E quanto mais disparava, mais pessoas com menos crédito entravam no sistema.

E é claro, em algum momento, a coisa toda se quebra. Estou levantando essas questões sobre moradia em particular porque quero sugerir que existe um link entre a formação da crise e a urbanização, e esse link nem sempre é discutido, mas eu acho muito importante que se discuta isso. Quando a crise bateu e as hipotecas não poderiam ser pagas, a principal questão que apareceu foi qual seria o valor daqueles contratos, e o sistema começou a usar aqueles instrumentos esquisitos para definir o valor, e se concluiu que aquele investimento não levaria a lugar algum.

Quando isso aconteceu, as instituições financeiras que tinham esses contratos se viram em grande dificuldade. Algumas instituições foram espertas o suficiente para passar esses contratos para outros e não tiveram qualquer problema. A maior instituição que fez isso foi a Goldman & Sachs. Outras instituições ficaram com os contratos e foram pra cova com eles. Quase todos faliram e, finalmente, o Lehman Brothers faliu.

Quando esses vão à falência ocorre uma crise no sistema financeiro. Porque os outros contratos e seguros que outros bancos tinham com o Lehman estavam espalhados pelo sistema. E daí se vai de uma crise habitacional para uma crise financeira. E o mercado de crédito congela.

Nesse ponto, ocorre um bloqueio à circulação do Capital. Esse é o fim da acumulação de capital. E todo mundo percebeu que era absolutamente urgente socorrer a estrutura o sistema financeiro. E como se faria isso? Como se pagaria isso? E então o Federal Reserve produziu dinheiro. O tesouro produziu dinheiro. E o Estado disponibilizou grandes montantes de recursos para cobrir esses

contratos “intoxicados”, para emprestar às instituições financeiras e para salvar essas instituições. Então, a crise se muda das instituições financeiras que estão agora salvas, inclusive no Euro, e vai das instituições financeiras para as finanças públicas.

E de repente vemos Estados soberanos endividados se tornando um problema sério. A dívida soberana cresceu rapidamente porque o governo da Irlanda pegou empréstimos para salvar os bancos de lá que vinham fazendo operações semelhantes. O Governo da Espanha também precisou salvar seus bancos porque algo parecido ocorreu lá. E, de repente, a dívida soberana dos países se torna um grande problema.

E então como vamos resolver o problema das dívidas dos países?

O problema das dívidas dos países é resolvido dizendo-se: “nós precisamos ‘aposentar’ a dívida implementando medidas de austeridade”. O que é uma outra forma de dizer que o povo deve pagar. Faça o povo pagar. Esse é um princípio interessante que nos remete de volta a meados dos anos 1970. Esse é um dos princípios fundadores do neoliberalismo quando ele se internacionalizou. Você salva os bancos e bate no povo. Isso foi feito na crise mexicana em 1992. Os bancos de Nova York que tinham capital disponível emprestaram muito para o México, Brasil, vários países africanos, Polônia.

Eles emprestaram para países porque é menos arriscado na maior parte do tempo, então, eles emprestam para países porque os bancos sabem onde encontrá-los. Pois se você tem problemas você sabe aonde ir para ter seu dinheiro de volta. Você não pode fazer isso com empresas, que podem desaparecer. Países não podem.

Então, o dinheiro foi emprestado para o México e a conjuntura mudou dramaticamente desde os anos 1970 e o México não podia mais pagar. E ele foi à falência. Mas quando ele foi à falência, os bancos de Nova York foram à falência. Então o tesouro americano e o FMI se juntaram e apoiaram o México para que ele pudesse pagar aos bancos de Nova York.

Mas esse era apenas o primeiro passo num grande programa de ajuste estrutural. A condição para o apoio era que o México implementasse políticas de austeridade. O resultado foi que o padrão de vida médio do mexicano que já não era muito grande teve uma queda de 25% em cinco anos. Foi um ataque selvagem aos padrões de vida do povo mexicano para pagar aos bancos de Nova York.

O que vimos nos EUA em 2008 foi algo parecido com a política do FMI – com a diferença de que não era o FMI que estava conduzindo os ajustes. Era o Estado que estava administrando tudo. Então, as políticas de austeridade se tornaram cruciais para transferir a crise para a população.

Assim eu demonstro como a crise vai se movendo em ciclos e a questão óbvia é: para onde ela se moverá a seguir? Se o povo se revolta como estamos vendo na Grécia e em outros países, para onde a crise vai se mover?

Existe uma grande probabilidade da crise voltar para os bancos afinal eles detêm uma grande parte das dívidas soberanas. Se ela volta para os bancos então entramos num ciclo que é bem complicado. E a questão não é só quando ela se moverá de novo, mas como ela vai se mover. Essa é parte da História dos últimos anos.

E toda vez que sou chamado a falar sobre o que anda ocorrendo me pergunto “bem, onde está a crise agora?” Ela se move de setor para setor, mas ela também se move geograficamente e isso é muito interessante. Porque ela começou na Califórnia e se mudou para o sistema financeiro. O sistema de crédito travou e o consumo caiu. E enquanto o consumo nos EUA colapsou, então todos os países exportadores para os EUA se viram em dificuldades.

A China, por exemplo, viu sua indústria exportadora colapsar no início de 2009 por causa do colapso de consumo dos EUA. E quando essas indústrias exportadoras entram em dificuldades elas demitem. A estimativa é, para os primeiros meses de 2009, que a China perdeu 30 milhões de empregos. Trinta milhões. Os EUA perderam 7 milhões, a China perdeu 30 milhões.

Existe um problema na China que é sem dúvida a inquietação social. Essa é uma situação muito instável e o Partido Comunista sabe disso. Eles sabem que precisam arranjar uma solução para os 30 milhões de desempregados. O que os dados globais mostram é que, no final de 2009, apenas nove ou dez meses depois. O desemprego bruto na China foi calculado em 3 milhões. O que diz que a China criou pelo menos 27 milhões de empregos em apenas 9 meses. Uma performance estonteante. Uma performance estonteante.

Como eles fizeram isso? Em algum grau, as indústrias exportadoras reviveram, retomaram o crescimento e trouxeram de volta parte daquela população para as indústrias exportadoras. Mas isso não seria suficiente. Então duas coisas aconteceram. Primeiro a China lançou um grande programa

de investimentos em infraestrutura. Construíram novas rodovias, novas linhas de trem bala, novas barragens, novas cidades.

Nos últimos 3 anos, os chineses construíram novas cidades que não tem ainda ninguém morando. Esse é um programa altamente absorvedor de mão de obra. O investimento em infra-estrutura física. Esse é um típico caso de políticas keynesianas. Isso não é uma política de austeridade. Isso é uma política de expansionismo através de investimento em infraestrutura.

Mas os chineses fizeram uma outra coisa. Eles viraram para o seu sistema bancário e disseram “comecem a emprestar”. Nos EUA, quando os bancos começaram a receber, a pergunta era para quem os bancos iriam emprestar o dinheiro que estavam recebendo do Estado. E eles não o fizeram. Eles pegaram o dinheiro e sentaram em cima. Então todo aquele dinheiro não foi repassado para a economia. Ele simplesmente ficou nos bancos. Os banqueiros desafiam o governo.

Mas se você é um banqueiro chinês, você não desafia o Partido Comunista em Pequim. Se você é ordenado a emprestar, você empresta. E eles emprestaram dinheiro para diversos projetos de desenvolvimento, em diversas cidades, em diversas regiões da China. Eles emprestam particularmente para empreendedores privados. Então, de repente, houve um grande surto de construções de empreendimentos privados. Construção de shoppings, estabelecimentos comerciais e todas essas coisas; construção de campos de golfe para os muito ricos. E vimos esse boom incrível de cidades chinesas.

O mercado imobiliário na China decolou para um grande momento. Ele se tornou um grande investimento. E como resultado disso, a China em parte por causa da recuperação do seu mercado exportador, em parte por causa do seu desenvolvimento interno, recuperou-se da crise muito rápido. E assim como ela se recuperou muito rápido, todos os países ligados à China por relações comerciais também tiveram alguma recuperação.

A China vende para os EUA, existe um certo déficit deles em relação à China. Mas a China compra muito de todos os países que produzem matérias-primas. Então, o Chile tem um boom, porque existe uma grande demanda por cobre pela China. A Austrália tem um boom, porque a demanda por minerais, ferro, essas coisas, na China é enorme. Nos últimos cinco anos, a China consumiu metade da produção mundial de aço. Eles consumiram metade da produção mundial de cimento.

Eu quero dizer que esse é um grande projeto de urbanização. Seu único paralelo na história foi o grande projeto de suburbanização que prevaleceu nos EUA de 1949 até 1973. Um projeto que cumpriu um papel crucial em tirar os EUA da depressão. Os chineses saíram da crise entre 6 meses a 1 ano com essa estratégia.

E todos aqueles países que estão orientados para crescer suas relações com a China, o que inclui muitos dos países latinoamericanos... produzindo soja, você se transforma numa vasta plantation de soja para abastecer a China. Isso, me parece, traz problemas.

Mas o que se vê, então, é uma divisão bastante peculiar no mundo. Onde uma metade está seguindo uma política de austeridade e a outra metade está seguindo uma política de expansionismo, que é quase um keynesianismo clássico. A China está se preparando inclusive para elevar as taxas de renda. Em parte por causa das pressões políticas, pressões da luta de classes. Mas em parte está havendo uma vontade política do governo central em apoiar o crescimento da renda. Porque isso aquece o mercado interno. Isso aumenta a demanda pelo consumo. Isso te ajuda a sair da crise.

Então você tem duas partes do mundo que estão seguindo políticas radicalmente diferentes. É claro que a história é um pouco mais complicada, porque algumas partes do mundo estão integradas ao crescimento chinês. Por exemplo, o mercado exportador da China está sendo vital para garantir a estabilidade da Alemanha. A posição da Alemanha na União Européia é forte, na verdade, hegemônica, precisamente porque este é um país que consegue exportar grandes quantidades de equipamentos de alta tecnologia, automotivos, entre outros, para a China.

Então estamos vendo um movimento cíclico acontecendo e uma das grandes questões que isso coloca é: o quanto é estável é o crescimento da China?

Se o crescimento chinês termina devagar, ou mesmo de forma catastrófica, então haverá um grande impacto em todos esses países ligados ao comércio com a China. Haverá um grande impacto aqui na América Latina. Então, em algum grau, a América Latina está fortemente dependente de seu próprio crescimento, nesse modelo parecido com o keynesiano e não baseado na austeridade, mas também está fortemente dependente do boom chinês para manter as coisas encaminhadas.

Então a grande pergunta é o que é a estabilidade? E isso me traz de volta a um interessante aspecto do boom chinês. Eu mencionei o quanto isso se deve a investimentos em infraestrutura e o quanto isso se deve à urbanização. Uma das coisas que precisam ser entendidas nos EUA pelos

pesquisadores, e que não foi estudado antes, é a conectividade entre ciclos de construção, processos de urbanização e a crise em geral.

O que nós sabemos agora, através de estudos sobre os anos 1920, é que ocorreu um boom imobiliário nos anos 1920 nos EUA e que o preço da terra cresceu, em alguns casos, 50% ao ano. De novo, a Flórida era o centro disso. Chicago, Nova Iorque, todos esses centros. Que a crise de 1929 foi precedida, em cerca de um ano, de um colapso do mercado de terras e o colapso do mercado de terras foi acompanhado de um colapso na indústria da construção que, então, detonou a economia.

A teoria agora diz que o colapso do projeto de urbanização dos anos 1920, em 1928, teve um papel crítico ao levar ao colapso do mercado de ações em 1929. No início da grande depressão, nos anos 1930. Isso foi compreendido intuitivamente com o tempo. Porque quando você olha para a política habitacional dos anos 1930, houveram tentativas desesperadas durante a administração Roosevelt de ressuscitar o mercado imobiliário e a indústria da construção. Mas pelo menos 50% dos trabalhadores da construção continuavam desempregados em 1939. Alguns ajustes foram feitos, por exemplo, reformas nas hipotecas, reformas institucionais foram feitas nos anos 1930 que possibilitaram o boom de suburbanização no pós-guerra.

Então, essa conectividade é significativa. E ela é significativa, geralmente, pelo aspecto econômico. Ela é tão significativa que indica que o controle capitalista sobre o processo de urbanização é crucial para a sobrevivência do capitalismo. Isso é acumulação de capital. Investimento em urbanização. Isso é então uma das chaves para a perpetuação, a continuação do Capital. O sistema requer urbanização contínua. Contínua reurbanização. Contínuas reestruturações urbanas e reconfigurações.

E então o que vemos, estruturas de poder emergindo em várias cidades. Nos EUA, isso está sendo chamado de política da “máquina de crescimento” das cidades. Onde políticos se tornam altamente dependentes dos interesses dos construtores, ambos altamente conectados aos interesses do mercado financeiro e também aos interesses dos grandes proprietários de terras, de todos os tipos.

O que isso significa é que a urbanização capitalista é um aspecto crucial da dinâmica do sistema capitalista. E como outras formas de desenvolvimento se tornaram mais difíceis de colonizar, o modo de urbanização capitalista se tornou mais significativo em relação a outros aspectos

macroeconômicos. O que isso supõe então é que o capitalismo está totalmente no controle do processo de urbanização. E nesse ponto você pergunta: o que as pessoas pensam?

E, é claro, começamos a ver a emergência de certas formas de resistência às formas capitalistas de urbanização. Formas de resistência contra a gentrificação, contra projetos de revitalização, contra projetos habitacionais de alto padrão, condomínios, contra o desenvolvimento de cada vez mais shoppings, cada vez mais loucos, centros culturais, estádios esportivos e todo o resto. Isso é um grande negócio.

E esse grande negócio está mudando a vida cotidiana de forma bastante radical. Mudando a vida cotidiana não necessariamente para melhor. Mudando a estrutura urbana não necessariamente para uma vida cotidiana razoável. E tudo isso começa a se mover e nós vamos olhar mais de perto todas essas formas de resistência urbana. Porque se é do interesse do capital estar em total controle do processo de urbanização, isso significa que eles vão bancar uma guerra de classes, para obter o controle total da urbanização. E isso significa que haverão formas de resistir a isso que serão formas de lutas de classe.

Quando eu digo isso, e eu tenho dito há muito tempo para meus colegas marxistas, eles sempre dizem “bem, é verdade, existem conflitos, mas não são conflitos de classe”. Então o único local onde a luta de classes é levada em conta é na fábrica, é no proletariado industrial. Ora, estamos vivendo uma época difícil agora nos EUA porque se perdeu pra China, e ficamos com uma grande população que está produzindo e reproduzindo vida urbana e estão vivendo sob regimes de trabalho inseguros, muitos deles são trabalhadores temporários. Eles constituem o que os franceses chamam de “precariado”, não proletariado. E são muito difíceis de organizar em termos convencionais, como partidos políticos ou sindicatos. Então, uma das questões que salta imediatamente disso é como perceber a cidade como um locus central da luta de classes e começar a repensar sobre quem são os agentes da mudança política. Pensando em termos de populações urbanas, como agentes coletivos da mudança política.

Isso me foi colocado outro dia, por um militante muito próximo a mim, dos movimentos sociais estadunidenses. Ele chegou pra mim e perguntou: “como organizar a cidade inteira?” Vocês marxistas sabem a história de organizar as fábricas, mas como organizar a cidade inteira? O que você pensa sobre isso?”

E eu disse: “bom, eu nunca tinha pensado nisso.”

E ele: “você é um acadêmico, vá lá e pense sobre isso!”

Então eu tenho pensado nisso. Na verdade, eu tenho pensado um pouco mais do que esses poucos anos. Porque isso sempre me incomodou. Os movimentos revolucionários se desenrolaram quase sempre em ambientes urbanos. A cidade tem sido um centro de revolta. A cidade se tornou um centro de transformação revolucionária.

O exemplo mais famoso, é claro, é a Comuna de Paris. Mas se começamos a ver a variedade de exemplos. Córdoba, 1969. Veja o que ocorreu no Cairo agora. Veja o que ocorre agora na Síria. É uma revolta urbana contra um regime repressivo e a única coisa que eles podem fazer é destruir a cidade inteira, com todo mundo dentro, indiscriminadamente. O que é muito parecido com o que ocorreu na Comuna de Paris. Houve uma greve geral em Seattle em 1999, mas todo mundo se esquece.

Certamente ficou interessante estudar movimentos desse tipo, porque eles começaram a ocupar espaços centrais nas cidades. Uma das coisas que eu adoro sobre o movimento Ocupe Wall Street é que eles ocuparam um espaço muito próximo dos centros de poder político e disseram: “nós pertencemos a esse espaço. Esse é um espaço público e nós somos o público”. Pois num dado momento eles concluíram que o espaço público não era para o público.

Ele é realmente organizado pelo Estado, e disciplinado pelo Estado, no interesse do Capital. É por isso que as repressões policiais tem sido tão fortes e agressivas. Então, a questão da cidade, agora, torna-se crítica e de repente começamos a ver algumas coisas.

E pensamos como os conflitos entorno ou sobre a cidade poderiam ser. Aqui vai um exemplo.

Em 2006, nos EUA, o congresso começou a analisar um projeto que criminalizaria todos os imigrantes ilegais. Criminalizá-los é algo realmente significativo. A comunidade imigrante em geral está irregular e é claro que os imigrantes ilegais ficaram aterrorizados. Então, os imigrantes ilegais decidiram dar demonstrações de mobilização.

Os imigrantes ilegais decidiram não ir trabalhar. Então, durante alguns dias da primavera de 2006, os imigrantes legais e ilegais decidiram não ir trabalhar. O que aconteceu?

Los Angeles parou. São Francisco parou. Chicago parou. A maior parte de Nova Iorque parou. E de repente eles se tocaram da imensa força que isso poderia ter. Que eles poderiam parar cidades simplesmente se recusando a trabalhar.

Se você é um imigrante... a indústria, particularmente aquela que emprega imigrantes ilegais, teve que parar sem poder tomar nenhuma atitude. Isso é novo! Isso é novo!

Que eles possivelmente não pudessem continuar... então aqui tem uma situação que esse movimento que nasceu e de onde podemos ver outros exemplos que são ainda mais interessantes porque frequentemente não atingem apenas uma cidade, mas uma rede de cidades envolvidas em ações políticas.

O Ocupe Wall Street teve cópias em Londres, em várias outras cidades. O que você também vê e onde também existem exemplos maravilhosos, foi em 15 de fevereiro de 2003. Quando 3 milhões de pessoas nas ruas de Roma, 2 milhões de pessoas nas ruas de Madrid, 2 milhões em Barcelona, 1 milhão e tantos em Londres, talvez 1 milhão em Nova Iorque, nós nunca saberemos porque não foi autorizado fazer uma estimativa, todos protestando contra a possibilidade de uma guerra contra o Iraque.

E se você volta atrás, se lembra da dinâmica de 1968. Isso não foi só Paris. Foi também em Chicago, Cidade do México, Bangkok. Você vê que a rede urbana é um lugar bastante fecundo. Para começar a pensar ações políticas simultâneas. Então imagine o dia em que decidamos fazer um protesto anticapitalista e todo mundo resolver não ir trabalhar nas principais cidades do mundo. É uma força tremenda! Uma força tremenda!

Isso nos mostra é que devemos realmente pensar em como organizar cidades inteiras, mas devemos pensar em organizá-las entorno de um certo programa político que possa criar alternativas às cidades criadas pelo Capital. Isso me parece um modo muito interessante de se começar a pensar a política no nosso tempo. Meus colegas marxistas ainda insistem na ideia de que deve haver um proletariado, uma vanguarda e tudo aquilo. E eu digo: “Não, é claro que eles são parte disso, mas a grande maioria da força de trabalho não pode ser organizada desse jeito agora.”

Nós temos que organizar numa dimensão diferente, num modo diferente. Então, essa questão de organizar cidades inteiras entorno de um projeto anticapitalista... eu penso numa transformação da vida urbana, uma transformação do cotidiano. Em áreas urbanas mais igualitárias, transformadoras

das relações sociais. Também seria mais sincera e profundamente sensível a todas as questões ambientais associadas à urbanização.

A urbanização que ocorre na China, que é intensiva em capital, é ambientalmente desastrosa. A suburbanização dos EUA, após 1949, está agora se revelando ambientalmente desastrosa. E novamente precisamos pensar numa reurbanização do mundo. Em termos que nos tire da crise, pois há muito trabalho a fazer. Há uma quantidade tremenda de trabalho a ser feito.

Mas tem que ser algo que nos desvie do trabalho de reproduzir a cidade capitalista e nos leve a uma cidade para as pessoas, ou a cidade socialista ou o que quer que você queira. Então uma das questões que eu tenho em minha mente agora é essa: “Como podemos construir a cidade socialista?”

Nas ruínas da urbanização capitalista? Porque a urbanização capitalista está arruinada. Está arruinada em termos de relações sociais. Está arruinada sob o ponto de vista ambiental. Está arruinada em termos de oportunidades econômicas e nas possibilidades de se construir padrões de vida mais igualitários. Está arruinada em todas essas dimensões. Então como fazer isso?

Essa é a questão que eu gostaria de deixar com vocês e sugerir que isso poderia ser algo a ser pensado. Muito obrigado.